



Padrões de lexicalização no português brasileiro

Lexicalization patterns in Brazilian Portuguese

Dorival Gonçalves Santos Filho

Heronides Maurílio de Melo Moura

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil



Resumo: As línguas neolatinas pertencem a um padrão de lexicalização em que a raiz verbal expressa os primitivos semânticos de MOVIMENTO e TRAJETÓRIA, deixando o MODO ou CAUSA serem expressos por um advérbio ou gerúndio. Em línguas de origem germânica, ao contrário, os verbos lexicalizam os primitivos semânticos de MOVIMENTO, MODO ou CAUSA; já a TRAJETÓRIA é expressa por um elemento gramatical associado ao verbo. Com base em alguns conceitos de evento de movimento, norteados pela semântica cognitiva, análise de exemplos retirados da obra *O Hobbit* e *O Senhor dos anéis*, o presente estudo mostrará, pelo menos, três padrões de lexicalização ao qual o português brasileiro se encaixa.

Palavras-chave: Padrão de lexicalização. Primitivos semânticos. Padrão híbrido.

Abstract: Neolatin languages belong to a lexicalization pattern in which the verbal root expresses semantic primitives of MOVE and PATH, leaving MANNER or CAUSE to be expressed by an adverb or the gerund form. In German origin languages, on the contrary, verbs lexicalize the semantic primitives of MOVE, MANNER or CAUSE; as for the PATH, it is expressed by a grammatical element that is associated to the verb. Taking into consideration some of the concepts of event of move, guided by Cognitive Semantics, and an analysis of examples extracted from *The Hobbit* and *The Lord of the Rings* books, the present study aims at showing, at least, three lexicalization patterns in which Brazilian Portuguese fits in.

Keywords: Lexicalization pattern. Semantics primitives. Hybrid pattern.



1 Introdução

Este estudo tem por objetivo apresentar os padrões de lexicalização no qual o português brasileiro (doravante PB) se encaixa. A classificação das línguas do mundo em padrões é feita a partir do conceito de evento de movimento (doravante EM) elaborado por Leonard Talmy (1972, 1985, 1991, 2000) e ampliado/reformulado por diversos autores, como Matsumoto (2003), Slobin (2004, 2006), Cifuentes Férez (2008), Beavers et al. (2010), Levin e Rappaport Hovav (2015) etc. Em sua tese de doutorado, Talmy (1972) estudou a estrutura semântica do inglês e do atsugewi, uma língua Honkan do norte da Califórnia. O autor procurou descrever o funcionamento de sentenças que expressam movimentos, descrevendo o EM no inglês e no atsugewi. O resultado dos seus estudos mostrou que as línguas podem ser agrupadas em padrões de lexicalização, dependendo de como se configura a expressão do EM.

Línguas como o inglês expressam MOVIMENTO e MODO ou MOVIMENTO e CAUSA na raiz verbal, deixando a TRAJETÓRIA ser expressa por uma partícula que se associa à raiz verbal. Línguas como o PB expressam MOVIMENTO e TRAJETÓRIA na raiz verbal, deixando o MODO ou CAUSA serem expressos por um gerúndio ou subordinada. O atsugewi tem a particularidade de expressar o MOVIMENTO e o objeto em movimento na raiz verbal, ou seja, o objeto em movimento (substantivo) e o MOVIMENTO são expressos em conjunto. Outra particularidade tem a ver com o tipo de objeto que estará em movimento. A raiz verbal traz a informação semântica da forma ou tipo de objeto, que pode ser uma esfera, viscoso, material nojento etc.¹ Os afixos em construções polissintéticas dessa língua expressam a TRAJETÓRIA e o tipo de evento que causou o MOVIMENTO. A partir desses estudos, Talmy procurou regularidades que permitiram classificar as línguas naturais em padrões de lexicalização. Segundo esse estudioso, a expressão

sintático/semântico do EM nas línguas do mundo revela a que padrão cada uma das línguas pertence. Nesse sentido, Talmy cunhou três padrões de lexicalização distintos que se configuram pela maneira como o EM é expresso. Após a publicação de seus estudos, muitos pesquisadores como Slobin (2004, 2006), Matsumoto (2003), Croft et al. (2010) e Beavers et al. (2010) questionaram se determinada língua realmente pertencia ao padrão estipulado por Talmy, uma vez que encontraram particularidades e exceções que colocavam as línguas ora num padrão ora em outro. Esses autores propuseram reformular ou acrescentar padrões de lexicalização para que cobrissem a maior parte das línguas.

No presente trabalho, focalizaremos o padrão de lexicalização do PB proposto por Talmy, iniciando uma discussão que mostra que o PB transita entre diferentes padrões.

Metodologicamente, ilustraremos como se constitui o EM com sentenças que expressam movimento retirados da obra *O Hobbit*, nas versões em português, latim e inglês, e de *O senhor dos anéis* - trilogia, de J. R. R. Tolkien, na versão em português. Para caracterizar o padrão de lexicalização do PB, que tende a ser mais prototípico faz-se necessário que o comparemos com padrões de outras línguas, a fim de que se percebam as semelhanças e diferenças entre eles. Por isso, a escolha dessas obras se justifica. A tradução é eficaz nos estudos tipológicos porque revela o comportamento sintático-semântico do EM. Nesse sentido, os exemplos em língua estrangeira aparecerão acompanhados das traduções feitas na versão em português. Para essa empreitada, começaremos por caracterizar noções sobre EM, de modo mais geral, depois discutiremos o conceito de satélite, que é uma importante noção que permite diferenciar o padrão de lexicalização de línguas como o inglês e o PB. Em seguida, mostraremos como funciona o padrão de lexicalização de línguas como o inglês. Após essa classificação, demonstraremos os padrões do PB. Por fim, faremos uma discussão geral sobre o lugar do PB nos padrões de lexicalização.

¹ Neste trabalho, o padrão de lexicalização do atsugewi só será abordado quando se fizer necessário entender ou cruzar padrões.

2 O evento de movimento

Ao conceituar o que é EM, Talmy considerou diversas características que possibilitaram agrupar as línguas do mundo. Para o autor, EM se constitui dos seguintes primitivos semânticos: FIGURA, MOVIMENTO, TRAJETÓRIA, FUNDO, MODO e CAUSA, que sintaticamente são expressos no evento, ou seja, Talmy procurou verificar quais primitivos semânticos são expressos por quais elementos sintáticos. Dessa forma, podemos previamente elencar os três padrões de lexicalização presentes nas línguas do mundo. O primeiro padrão é chamado de línguas com *frame* na FIGURA (LFF), ou seja, a FIGURA (objeto) é amalgamada à raiz verbal que expressa o movimento. O segundo padrão é chamado de línguas com *frame* no satélite (LFS), em que o MODO ou a CAUSA do movimento estão atrelados à raiz verbal, mas a TRAJETÓRIA é expressa por um elemento gramatical (satélite) que gravita em torno do verbo. O último padrão, a que teoricamente o PB pertence, é chamado de línguas com *frame* no verbo (LFV) e tem por característica verbos que expressam MOVIMENTO e TRAJETÓRIA em sua raiz, deixando o MODO e a CAUSA serem expressos por gerúndios e advérbios.²

O EM pode ser composto por pelo menos quatro primitivos semânticos que serão expressos por elementos de superfícies (gramaticais). O primitivo semântico FIGURA é, no EM, o objeto que muda a sua localização e tem como ponto de referência um FUNDO. O MOVIMENTO, no seu sentido básico, tem como significado a troca de posição de um corpo, ou seja, para ter um MOVIMENTO, a diferença de distância entre a FIGURA e o FUNDO é modificada, quando não se leva em consideração o movimento de rotação. A TRAJETÓRIA se constitui pelas várias posições ocupadas pela FIGURA, formando o caminho

transcorrido pelo objeto. Esse primitivo semântico é extremamente importante para diferenciar os padrões LFS e LFV, pois a codificação da TRAJETÓRIA na raiz verbal ou em um elemento associado ao verbo delimita a fronteira entre os padrões LFS e LFV. Já MODO e CAUSA são primitivos acessórios que caracterizam o MOVIMENTO.

A partir dos princípios mencionados anteriormente, Talmy explica o que ele entende por EM básico.

O evento de Movimento básico consiste em um objeto (Figura) movendo-se ou localizado em relação a outro objeto (o objeto de referência ou Fundo). É analisado como tendo quatro componentes: além de Figura e Fundo, há a Trajetória e Movimento. A Trajetória (com T maiúsculo) é o caminho ou local ocupado pelo objeto Figura em relação ao objeto do Fundo. O componente de Movimento (com M maiúsculo) refere-se à presença *per se* ou movimento ou situação estática no evento. Apenas estes dois estados motrizes são estruturalmente distinguidos pela linguagem. (TALMY, 2000b, p.25, traduzimos).³

Os termos FIGURA e FUNDO foram inspirados na psicologia Gestalt, mas Talmy (1972) deu uma interpretação semântica diferente. A FIGURA é um objeto em movimento ou conceitualmente móvel, cuja TRAJETÓRIA ou situação estática está em questão. O FUNDO é um ponto de referência ou um objeto de referência em relação à TRAJETÓRIA da FIGURA ou ao seu repouso.

3 O conceito de satélite

Antes de caracterizar cada um dos padrões de lexicalização, convém discutir brevemente um conceito importante para diferenciar os padrões LFS e LFV. Trata-se do conceito de satélite, que pode ser constituído por vários elementos gramaticais e está intimamente relacionado com o verbo, mudando o seu conteúdo semântico. Este conceito serviu de argumento para vários estudiosos, como Matsumoto

² Propomos as siglas LFF, LFS e LFV para representar os padrões línguas com *frame* na FIGURA, línguas com *frame* no satélite e línguas com *frame* no verbo.

³ O original é: *The basic Motion event consists of one object (the Figure) moving or located with respect to another object (the reference object or Ground). It is analyzed as having four components: besides Figure and Ground, there are Path and*

Motion. The Path (with capital P) is the path followed or site occupied by the Figure object with respect to the Ground object. The component of Motion (with a capital M) refers to the presence per se of motion or locatedness in the event. Only these two motive states are structurally distinguished by language.

(2003), Slobin (2006) e Beavers et al. (2010) contestarem os padrões de lexicalização de Talmy, uma vez que nem sempre o satélite está numa relação de irmã para o verbo ou serve para codificar a TRAJETÓRIA. No dizer de Talmy, satélite:

É a categoria gramatical de qualquer constituinte que não seja um sintagma nominal, preposicional ou um complemento, e que está em uma relação de irmã para a raiz do verbo. Refere-se à raiz verbal como dependente de um núcleo. O satélite, que pode ser um afixo ou uma palavra livre, visa, assim, abranger todas as seguintes formas gramaticais, que tradicionalmente têm sido amplamente tratadas independentemente umas das outras [...] (TALMY, 2000b, p. 102, traduzimos).⁴

Embora não possamos afirmar categoricamente, vemos uma clara inspiração de Talmy, ao conceituar satélite, nos estudos de Richard Pittman (1948). Para Pittman, a premissa dos constituintes imediatos (CIs) é válida; assim, há uma espécie de atração gravitacional entre certos morfemas ou grupo de morfemas, mas não entre outros. Pittman postula que certos CIs podem ser rotulados de principal ou central como, por exemplo, raízes, radicais, bases, temas, núcleos, substantivos, verbos, oração principal etc.; e a outros ele atribui o *status* de subordinado ou lateral, que podem ser afixos, enclíticos, formativos, atributos, modificadores, orações subordinadas etc.; a partir desses atributos, os constituintes centrais são chamados de núcleo e os constituintes laterais são chamados de satélite. O autor propõe uma série de critérios de análises que ajudam o linguista a decidir o que é um núcleo e o que é um satélite, construindo uma comparação pertinente:

Assim como um astrônomo acha mais fácil descrever a relação da lua com a terra do que a sua relação com o sol, para um linguista, ao analisar a sentença *Eat your bread* (Coma seu pão), é mais fácil descrever a relação *your* (seu) para *bread* (pão) que sua relação com *eat*

(comer). (PITTMAN, 1948, p. 288, traduzimos).⁵

Pittman elenca dez critérios para ajudar o linguista a classificar o satélite nas línguas, mas assevera que os primeiros, que reproduziremos em seguida, são especialmente os mais úteis para tal tarefa.⁶

O primeiro critério é chamado de *independência* e tem a seguinte premissa: se um dos dois CIs ocorre sozinho, mas o outro não, o primeiro, geralmente, é considerado central, e sua concomitante, lateral. Em PB, por exemplo, o verbo *filtrar* pode ocorrer sem o prefixo *in*, mas o contrário (sua concomitante) não. Em outras palavras, Pittman afirma que, normalmente, uma palavra pode aparecer sozinha numa sentença, mas os afixos não. O autor afirma que se um dos dois CIs for dispensável, este elemento será, geralmente, considerado satélite.

O segundo critério tem a ver com o *tamanho da classe*: se um dos dois CIs pertence a uma classe com mais membros do que a outra, geralmente, será considerado central, e sua concomitante, lateral. Se A, da sequência A1B2, representa a classe de 50 membros, e B2, a classe de cinco membros, provavelmente A será central e B lateral. Por exemplo em: *Eu → ando. Andar ← depressa*, em que *Andar* é um elemento que pertence à classe dos verbos e *depressa* pertence à classe dos advérbios. A classe dos verbos, em PB, possui mais membros que a classe dos advérbios, portanto, *andar* é o núcleo e *depressa* é o lateral (satélite).

Para o terceiro critério, a questão de *versatilidade* é importante: se um dos dois CIs tem uma gama potencial de ocorrência em um número maior de diferentes classes será, geralmente, considerada central, e a concomitante, lateral. Se A, da sequência AB, ocorre em cinco classes diferentes de concomitantes, enquanto B ocorre em apenas duas, provavelmente, A será considerada núcleo e B satélite.

⁴ O original é: *It is the grammatical category of any constituent other than a noun-phrase or prepositional phrase complement that is in a sister relation to the verb root. It relates to the verb root as a dependent to a head. The satellite, which can be either a bound affix or a free word, is thus intended to encompass all of the following grammatical forms, which traditionally have been largely treated independently of each other [...]*

⁵ O original é: *Just as an astronomer finds it simpler to describe the moon's relation to the earth than its relation to the sun, so a linguist, in analyzing the sentence Eat your bread, finds it simpler to describe the relation of your to bread than its relation to eat.*

⁶ Nesses critérios, as sequências AB representam dois CIs de uma expressão qualquer num determinado idioma.

A relação entre substantivos e adjetivos em inglês é um bom exemplo desse critério. Apesar da independência relativa e tamanho da classe ser discutível, para Pittman, não há dúvidas de que os substantivos ocorrem numa variedade maior de ambientes do que os adjetivos. *Honest* → *hobbit*, *brave* → *men*. *Honest hobbit* e *brave men* ilustram o critério de Pittman. O adjetivo só ocorre com a classe dos substantivos qualificando ou atribuindo uma característica, mas os substantivos podem ocorrer com pronomes, verbos etc., portanto, uma classe mais ampla do que os adjetivos.

Após esses critérios, faz-se necessário comentar outro tipo de satélite, chamado por Talmy de *Satélites de coevento*. Esses satélites são comuns em línguas neolatinas, como o PB, por exemplo, em que a TRAJETÓRIA (evento principal) é expressa na raiz verbal e o coevento é expresso por um satélite:

Línguas com *frame* no verbo enquadra o coevento ou em um satélite ou em um adjunto, normalmente uma frase ou um constituinte adposicional tipo gerundivo. Tais formas são, por conseguinte, chamadas de satélite de coevento, um evento gerundivo, e assim por diante.” (TALMY, 2000b, p. 222, traduzimos).⁷

Há um satélite que codifica a TRAJETÓRIA em línguas de padrão LFS e um satélite que codifica MODO ou CAUSA, em línguas de padrão LFV.

4 Padrão LFS

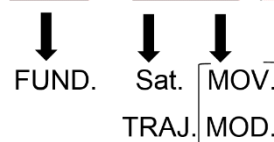
O padrão LFS pertence às línguas que codificam os primitivos semânticos de MOVIMENTO e MODO ou CAUSA, na raiz verbal, deixando para o

satélite a função de expressar a TRAJETÓRIA. Possuem esse padrão, por exemplo, as línguas indo-europeias (menos as neolatinas), chinês, ojibua etc. A seguir, apresentaremos o primeiro exemplo, a fim de demonstrar como os primitivos semânticos são sintaticamente expressos nesse padrão. Ressaltamos que para uma melhor visualização do funcionamento do EM, optamos por utilizar setas que apontam para os primitivos na forma abreviada e para o satélite. Os primitivos entre colchetes representa o processo de lexicalização.

“Então saltei por cima dele [...], e desci correndo até o portão.” (O Hobbit, p. 94)

Podemos observar que nessa sentença há claramente um EM, atestado pelos verbos de movimento e pelos demais primitivos semânticos que compõem o evento. O primitivo FIGURA é expresso pelo pronome pessoal de 1ª pessoa I. O primitivo MOVIMENTO é expresso pelos verbos *to jump* (saltar) e *to run* (correr). A TRAJETÓRIA é expressa pelos satélites *over* e *down*. Por fim, o ponto de referência para o qual a FIGURA se desloca é expresso pelo primitivo FUNDO, ou seja, o substantivo *gate* (portão). Essa composição é prototípica nos EM das línguas de padrão LFS. O latim, por exemplo, tem uma estrutura sintática diferente da do inglês, mas vale ressaltar que o que agrupa essas línguas num mesmo padrão de lexicalização é o fato de o primitivo TRAJETÓRIA ser

(2) [...] *et in siluam se immersit.* (*Hobbitus Ille*, p. 194)

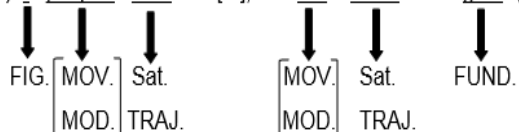


expressa por um satélite e não pela raiz verbal. Observem:

“[...] e mergulharam na floresta.” (O Hobbit, p. 135)

Nesse exemplo, o prefixo latino *in* na forma *im* é, nas definições talmyanas, um satélite verbal que

(1) I jumped over him [...], and ran down to the gate. (The Hobbit, p. 109)



⁷ O original é: *Languages with a framing verb map the co-event either onto a satellite or into an adjunct, typically in adpositional phrase or a gerundive-type constituent. Such forms are*

accordingly called a co-event satellite, a co-event gerundive, and so on.

especifica o primitivo semântico TRAJETÓRIA. *Immergo constitui* um verbo complexo formado pelo prefixo *in*, que significa *movimento para dentro*, mais o verbo *mergo*, que significa *mergulhar*, ou seja, o verbo e o prefixo significam *mergulhar em*, com o sentido de *mergulho para dentro de*. O verbo latino *mergo* tem por característica expressar um MODO de movimento, mas não especifica, claramente, a direção da TRAJETÓRIA desse movimento. Cabe, como já afirmado anteriormente, ao prefixo *in* fazer esse papel. Notadamente, o satélite tem a função de especificar a direção da TRAJETÓRIA. Em inglês e latim, por exemplo, o satélite *in* indica que o objeto em movimento se move para dentro de um recipiente. Mas destacamos que, segundo Kewitz (2009), uma superfície pode ser visualizada mentalmente, quando se cria todo o seu contorno. Então, no dizer da autora, podemos entrar na cama, sair do campo de futebol, sair da praça, geometricamente concebidos como área. Isso significa que o MOVIMENTO para dentro pode ser feito numa área 2D (duas dimensões).

5 Padrão LFV

O padrão de lexicalização ao qual o português pertence codifica o MOVIMENTO mais a TRAJETÓRIA na raiz verbal e o MODO, se for expresso, será por uma subordinada, segundo Talmy (2000b, p. 222-223).

Grande parte dos verbos de movimento direcionados em português se apresenta da seguinte maneira: há um MOVIMENTO, no sentido básico da palavra, e uma TRAJETÓRIA, norteadas por esse movimento. Nesse trabalho, selecionamos uma subclasse de verbos com movimento físico que são chamados de *verbos de movimento inerentemente direcionados* (LEVIN, 1993, p. 263-270). Listamos alguns verbos com essas características: avançar, subir, descer, entrar, sair, ir, vir, mergulhar, despencar, emergir etc.

(3) Bilbo *avançou* cautelosamente (O Hobbit, p. 91)

(4) Dori então *desceu* da árvore [...] (op. cit. p. 98)

(5) Frodo não conseguiu agarrá-lo pelo cabelo no momento em que *emergiu* [...] (O senhor dos anéis, p. 479)

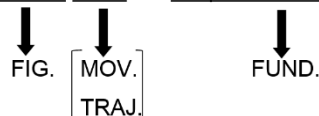
Pode-se observar, nesses exemplos, que nos verbos há um MOVIMENTO e uma TRAJETÓRIA lexicalizados na raiz verbal. *Avançar*, por exemplo, tem como significado: *fazer ir ou ir adiante; mover- (se)*

(8) [...] uma pedra veio rolando de cima [...] (O Hobbit, p. 255)



para frente etc. Descer significa deslocar-se de cima

(6) Então Gandalf subiu até o topo de sua árvore. (O Hobbit, p. 104)



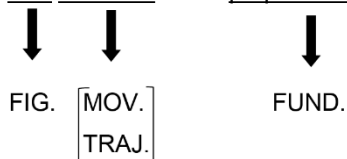
para baixo. Emergir significa fazer vir à tona (o que estava submerso). A seguir, vamos colocar alguns desses verbos no EM propriamente dito e verificar como se dá a configuração do padrão do PB e, assim, tecer algumas considerações a respeito desse fenômeno.

No exemplo (6), temos os primitivos FIGURA, MOVIMENTO, TRAJETÓRIA e FUNDO, que compõem o EM. O objeto em movimento, chamado de FIGURA, é expresso na sentença pelo nome *Gandalf*. O ponto de referência para o qual esse objeto se desloca é o FUNDO, expresso pela locução *o topo de sua árvore*. O MOVIMENTO e a TRAJETÓRIA da FIGURA são expressos pelo verbo *subir*. Talmy nomeia essa junção de *conflation*⁸, que é a fusão de dois elementos semânticos num único item lexical. No caso, o verbo *subir* é um exemplo de *conflation*, visto que informa, ao mesmo tempo, o MOVIMENTO e a TRAJETÓRIA da FIGURA.

⁸ Gruber (1962) usa o termo "incorporação", McCawley (1968) usa o termo "lexicalização" e Talmy (1972) usa o termo *conflation* "fusão".

A relação entre os primitivos semânticos e elementos sintáticos compõe o EM.

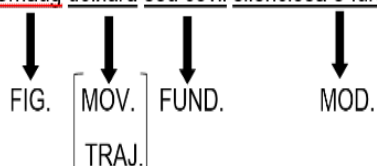
(7) [...] eles entraram numa pequena adega [...] (O Hobbit, p. 165)



Nesse EM, temos uma situação semelhante ao exemplo (6). A FIGURA *eles* é o objeto em MOVIMENTO que tem como ponto de referência um FUNDO, *pequena adega*. O MOVIMENTO e a TRAJETÓRIA são expressos por um único elemento lexical, o verbo *entrar*. Ressaltamos que, na raiz verbal, a TRAJETÓRIA está especificada (de fora para dentro), dispensando qualquer outro elemento gramatical para expressar ou reforçar a TRAJETÓRIA. Agora, vejamos o exemplo a seguir:

Podemos observar, no exemplo (8), que os primitivos FIGURA, MOVIMENTO, TRAJETÓRIA e FUNDO estão presentes como nos exemplos anteriores, mas há um item acessório, mencionado anteriormente, que se faz presente na sentença em questão. Trata-se do MODO, que também é nomeado de satélite de coevento. Esse EM se configura da seguinte forma: a FIGURA *uma pedra* se movimenta de um lugar que é o seu ponto de referência, o FUNDO *de cima*. O verbo *vir* expressa uma TRAJETÓRIA em que a FIGURA está mais ou menos distante e se aproxima de outro ponto de referência, que pode ser um local, um objeto ou o próprio locutor da sentença. A diferença para os EM exemplificados antes reside na maneira de o MOVIMENTO ser especificado, ou seja,

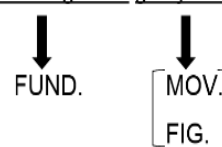
(9) Smaug deixara seu covil silenciosa e furtivamente [...] (O Hobbit, p. 210)



o MODO como tal MOVIMENTO acontece. Nesse caso, o MOVIMENTO aconteceu de um MODO em que a FIGURA se movimentou dando voltas ou giros sobre si mesma (rolando).

O exemplo (9) serve para lançar luz sobre a questão do primitivo MODO ou satélite de coevento. Para o autor, satélite de coevento é “outro tipo incomum de satélite que expressa MODO”⁹ (TALMY, 1985, p.110-111, traduzimos). É um elemento que aparece no EM para especificar a maneira que determinados MOVIMENTOS acontecem, mas não é

(11) [...] todos os galhos gotejavam [...] (O senhor dos anéis, p. 150)



um item indispensável no padrão LFV para a formação do evento.

Na seção seguinte, vamos demonstrar diferentes padrões em que o PB se encaixa.

6 Outros padrões em que o PB se encaixa

O português também codifica o EM com o padrão de lexicalização LFF, semelhante à língua atsugewi. Vale ressaltar que, nesse padrão, o verbo principal codifica os primitivos semânticos FIGURA e MOVIMENTO, ou seja, há uma confluência do MOVIMENTO com alguma parte da FIGURA.

(10) [...] *chovia* a cântaros, como *chovera* durante todo o dia [...] (O Hobbit, p. 38).

Alguns verbos que expressam fenômenos meteorológicos, como no exemplo (10), são considerados como padrão LFF. Nesse caso, podemos notar que o verbo *chover* possui na sua configuração os primitivos semânticos de FIGURA e MOVIMENTO, pois significa, segundo os dicionários:

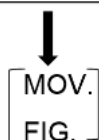
⁹ O original é: *another uncommon satellite type is one expressing Manner*.

cair água, em gotas, da atmosfera. Outros verbos como *chuviscar*, *nevar*, *garoar*, *pingar*, *gotejar* etc., também possuem essas características.

No exemplo (11), o FUNDO é *todos os galhos*, local de onde o MOVIMENTO da FIGURA acontece. O verbo *gotejar* converge os primitivos de MOVIMENTO e FIGURA na raiz verbal, ou seja, a FIGURA, que são as *gotas*, se movimentam de *cima para baixo* e isso tudo é expresso pelo verbo.

Há ainda verbos como *acotovelar*, *cabecear*, *ajoelhar*, *manusear*, que implicam MOVIMENTO mais parte do corpo e também podem ser considerados do padrão LFF, uma vez que FIGURA e MOVIMENTO são expressos na raiz verbal. Veja o exemplo a seguir:

- (12) [...] ele cabeceava e quase caía [...] (O Hobbit, p. 52)



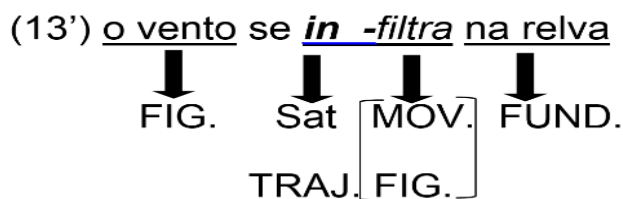
No exemplo (12), temos um agente *ele* que não é a FIGURA, mas que faz que a FIGURA *cabeça* se movimente. A TRAJETÓRIA, nesse exemplo, não é claramente especificada, diferente de verbos como *chover*, *nevar* e *gotejar*, em que a TRAJETÓRIA quase sempre¹⁰ é *de cima para baixo*. Já no atugewi, os afixos que se prendem à raiz verbal especificam a TRAJETÓRIA percorrida pela FIGURA. No entanto, essa configuração, tal qual apresentada do PB, não invalida o seu caráter como língua, também, de padrão LFF.

O português pode, também, codificar o seu EM como nas línguas de padrão LFS, ou seja, a TRAJETÓRIA não é expressa na raiz verbal, mas por uma partícula que se associa ao verbo, mudando o seu conteúdo semântico. Diferentemente do inglês, o português se assemelha à configuração do latim, que, como mencionado anteriormente, é uma língua de padrão LFS. Os exemplos a seguir, retirados da obra

O *Senhor dos Anéis*, demonstram esse comportamento do português.

- (13) [...] o vento se infiltra na relva. (O senhor dos anéis, p. 712).

No exemplo (13), o EM é codificado como padrão LFS. O verbo *infiltrar* pode ser desmembrado em verbo *filtrar* e prefixo latino *in*. O verbo *filtrar* tem como sentido básico *Introduzir (-se) aos poucos (ger. líquido) através de matéria sólida, por interstícios, orifícios, poros etc.*¹¹ Obviamente, o verbo *filtrar* já possui o sentido de movimento para dentro ou de transpassar, mas o prefixo *in*, que é um autêntico satélite, segundo os critérios de Talmy (2000b) e Pittman (1946), complementa o sentido de filtrar para movimento para dentro. Vejam o exemplo (13) no esquema:



No exemplo (13'), a FIGURA *o vento* se desloca para dentro de um FUNDO, que é *a relva*. A TRAJETÓRIA é delineada pelo verbo complexo

- (15') Arveleg, filho de Argeleb, [...] expulsou seus inimigos das Colinas.



formado por um prefixo *in* e o verbo *filtrar*. Lembramos que uma das propriedades do satélite é modificar o conteúdo semântico do verbo, então, nesse caso, ao complementar o MOVIMENTO, temos uma modificação de sentido. Observa-se, também, que *infiltrar* pode ser compreendido globalmente ou em partes, visto que há um satélite e um verbo.

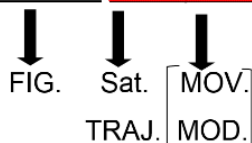
¹⁰ Quando uso *quase sempre* quero dizer que por diversos fatores a chuva, por exemplo, pode ter a sua TRAJETÓRIA alterada.

¹¹ Leia mais em: <http://www.aulete.com.br/infiltrar#ixzz3Ozv1z8t0>.

- (14) [...] os sitiados irromperam e os expulsaram [...]. (O senhor dos anéis, p. 1450).

O exemplo que analisaremos mostrará uma variação do satélite *in* na codificação do EM do português no padrão LFS.

- (14') [...] os sitiados ir-romperam e os expulsaram [...].



Nesse EM, a FIGURA *sitiados* se movimenta em uma direção que é para dentro. Ao desmembrar o verbo *irromper*, podemos visualizar melhor esse evento: o prefixo *in* se apresenta na forma *ir* e significa, segundo os gramáticos, movimento para dentro; o verbo *romper* significa *dividir- (se) em partes, separar- (se) em pedaços, quebrar- (se); avançar com ímpeto, abrindo passagem ou arrombando*. Podemos verificar que o verbo *romper* sinaliza o MODO do MOVIMENTO, no entanto, o prefixo *in* expressa que esse MOVIMENTO é direcionado *para dentro*. O satélite modifica o conteúdo semântico do verbo que converge MOVIMENTO e MODO na raiz verbal.

- (15) Arveleg, filho de Argeleb, [...] expulsou seus inimigos das Colinas. (O senhor dos anéis, p. 1367).

O exemplo (15) também é considerado um EM codificado no padrão LFS. O que permite afirmar essa consideração é o verbo complexo *expulsar*. Veja a análise desse EM a seguir:

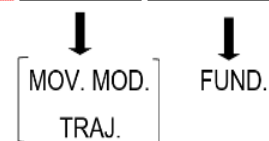
Em (15') há um típico EM nos moldes do padrão LFS. Inicialmente, podemos desmembrar o verbo complexo *expulsar*. Temos, então, o prefixo latino *ex-*

que tem o significado básico, segundo os gramáticos Coutinho (1969), Said ali (1971), Cunha e Cintra (2001), Bechara (2005) e Azeredo (2008), de movimento para fora. Romanelli (1964) fez um brilhante estudo dos prefixos latinos e o prefixo *ex* era usado no latim com o mesmo sentido usado no português, segundo esse autor. Nesse sentido, o prefixo *ex* é um satélite nas definições talmyanas, pois especifica a TRAJETÓRIA da FIGURA *inimigos*, ou seja, MOVIMENTO para fora; o verbo *pulsar*, que significa *pôr em movimento por meio de impulso*, não especifica a direção do MOVIMENTO que é dado pelo satélite. Em suma, o agente *Arveleg* é quem faz que a FIGURA se desloque para fora do FUNDO *colinas*. O verbo *expulsar*, segundo Santos Filho (2013, p. 122), “[...] faz parte daqueles que necessitam de um agente para a ação ser realizada” *In* indica a direção da TRAJETÓRIA e é, portanto, um satélite. *Pulsar* é verbo de movimento, cujo MODO do movimento é expresso no próprio verbo.

No último exemplo do PB como padrão LFS, vemos um EM em que a FIGURA *chicote* se movimenta de certo MODO: enrolando no FUNDO *pernas*. O prefixo *in* na forma *em* é que expressa a TRAJETÓRIA da FIGURA, enquanto o verbo *rolar* expressa o MOVIMENTO e o MODO.

Essas características confirmam o caráter de padrão LFS de algumas sentenças do português.

- (17) O mago e o hobbit empurraram o pesado portão. (O Hobbit, p. 114)

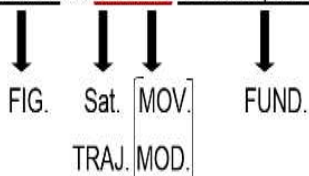


Outra questão importante para caracterizar esse padrão está no fato de que essas raízes não perderam a autonomia. Podemos, então, assumir que não há dicotomia ou tricotomia entre os padrões de lexicalização, mas um contínuo.

7 O português como padrão híbrido

Segundo as definições de Talmy, o PB é classificado no rol de línguas em que, no EM, o verbo lexicaliza o MOVIMENTO e a TRAJETÓRIA na raiz

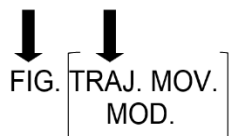
- (16) Um chicote se en-ro-lo-u em suas pernas [...] (O senhor dos anéis, p. 591)



verbal, como exemplificado anteriormente. Além de ter o padrão LFV, o português também figura no padrão LFS, assim como o inglês, latim, alemão etc., e no padrão LFF. Ressaltamos o caráter produtivo do padrão LFV, mas não podemos ignorar que a abordagem diacrônica desses padrões poderá revelar a (re) configuração do padrão de lexicalização do PB. Nesse sentido, há ainda mais um padrão em que o PB pode se encaixar que merece ser abordado, formado pela junção de características do padrão LFV com LFS. Trata-se do padrão híbrido. Segundo Kopecka (2008, p.17, traduzimos): “O padrão híbrido inclui verbos derivados diacronicamente, a partir de verbos ou substantivos, cuja relação entre forma e significado já não é mais transparente [...]”¹². Para a autora, um padrão é híbrido quando as raízes perdem a autonomia lexical e os verbos não são percebidos como morfologicamente composto, mas de forma global. Em suma, o significado do prefixo (TRAJETÓRIA) e o significado do verbo se fundem num ponto lexical. Quando o verbo de movimento possui os primitivos MODO e TRAJETÓRIA lexicalizados, são considerados híbridos, uma vez que MODO é característico de verbos do padrão LFS, como inglês e a TRAJETÓRIA é um traço do padrão LFV. Vejam esses verbos no EM:

O EM (17) se particulariza dentre os demais exemplos apresentados pelas seguintes características: o verbo *empurrar* converge para si os primitivos de MOVIMENTO, MODO e TRAJETÓRIA, evidenciado pelo caráter lexical do verbo. A convergência dos primitivos TRAJETÓRIA e MODO no verbo de movimento revela o caráter híbrido do padrão de lexicalização do português.

- (18) [...] a maior parte de Fili emergiu. (O Hobbit, p. 151)



Nessa sentença, a FIGURA *Fili* emerge de um FUNDO não expresso na sentença, mas recuperável no texto. O verbo *emergir* significa *fazer vir à tona o que estava submerso; aparecer, manifestar-se*, etc. O verbo em questão concentra os primitivos semânticos de TRAJETÓRIA expresso pelo satélite *ex* na forma *e*, o MOVIMENTO e o MODO. Não há transparência semântica no verbo, então, vemos o seu sentido globalmente, embora os primitivos semânticos estejam presentes, fazendo que haja uma hibridização de padrões. Em suma, no padrão híbrido do PB, há verbos cujo prefixo está adjungido numa raiz que perdeu autonomia lexical (exemplos: 21 e 22) e verbos em que o caráter lexical contempla os primitivos MOVIMENTO, MODO e TRAJETÓRIA (exemplos: 19 e 20).

- (19) O velho tordo [...] *pousou* numa pedra próxima. (O Hobbit, p. 238)
 (20) Aragorn *mergulhou* o remo na água [...]. (O senhor dos anéis, p. 456)
 (21) Gandalf quase *escorregou* ladeira abaixo. (O Hobbit, p. 52)
 (22) Muita gente do povo de Thrór *escapou* do saque e do incêndio. (O senhor dos anéis, p. 1269)

8 Discussão

O português é, como já mencionado, uma língua que faz parte do padrão de lexicalização LFV (línguas com *frame* no verbo), assim como as demais línguas neolatinas, o japonês, coreano, turco, semita, nez-perce, caddo etc. As línguas do mundo podem ser classificadas em diferentes padrões de lexicalização, dependendo da configuração do EM. O verbo foi escolhido por Talmy como o principal elemento a ser estudado dentro do EM. O autor percebeu que os verbos de movimento dessas línguas têm, geralmente, em sua raiz, dois primitivos semânticos: MOVIMENTO e TRAJETÓRIA, MOVIMENTO e MODO ou MOVIMENTO e FIGURA. Isso significa que dois elementos semânticos são fundidos num único item

¹² O original é: *The hybrid pattern includes diachronically derived verbs, either from verbs or nouns, for which the relation between form and meaning is no longer [...]*

lexical. No português, esses verbos apresentam um MOVIMENTO no sentido básico da palavra e uma TRAJETÓRIA que especifica a direção do MOVIMENTO. O autor assevera que mais de um padrão de lexicalização pode coexistir numa língua, mas que a língua usa apenas um padrão na sua expressão mais característica.

A maneira como os primitivos semânticos FIGURA, MOVIMENTO, TRAJETÓRIA, FUNDO e os coeventos MODO e CAUSA são gramaticalmente expressos nas línguas é que vai indicar a que padrão elas pertencem. No caso do inglês, os primitivos MOVIMENTO, MODO e CAUSA são expressos pelo verbo, enquanto a TRAJETÓRIA é expressa por um elemento associado ao verbo, chamado de satélite. No português, os primitivos MOVIMENTO e TRAJETÓRIA são expressos pelo verbo; já os coeventos, quando expressos, são feitos por um gerúndio. Esse é o quadro teórico idealizado por Talmy e que trouxe grandes avanços nos estudos tipológicos. No entanto, como demonstrado neste texto, o PB não se encaixa apenas em um único padrão de lexicalização. Outro diferencial no PB se dá pelo fato de que o sistema sintático permite que a FIGURA seja oculta no EM, sem causar dano à interpretação do EM. Assim como no inglês, o FUNDO também pode ser oculto, uma vez que, no PB, a semântica dos verbos de movimento que possuem direção inerente norteia a interpretação. Por exemplo, o verbo *sair* significa que uma FIGURA se desloca de dentro de um recipiente para fora. Ou seja, a forma geométrica de um FUNDO pode ser conceptualizada por meio da semântica do verbo de movimento. O fato é que o PB pode se comportar como nos padrões LFF e LFS, como demonstrado nos exemplos. Além do mais, há um padrão que podemos chamar de híbrido, nos termos de Kopecka (2008). Essa hibridização ocorre pelo fato de o PB possuir verbos em que há satélite, MOVIMENTO e, em alguns casos, MODO, sintetizados em um único verbo cuja interpretação se dá globalmente, uma vez que não há transparência semântica que exponha o significado em subpartes. Ou, também, verbos que possuem MODO, MOVIMENTO e o caráter lexical implica uma TRAJETÓRIA. Ao cruzar essas fronteiras, fica claro

que o português não possui apenas um padrão de lexicalização, pois o EM da língua pode ser codificado de diversas maneiras. Mesmo que Talmy tenha alertado para esse fato, não podemos ignorar que esses EM estão presentes na língua.

9 Conclusão

Neste texto, procuramos expor os padrões de lexicalização do PB. Inicialmente, mostramos como se configura semanticamente o EM nas línguas do mundo. A expressão gramatical dos primitivos semânticos revela à qual padrão de lexicalização as línguas pertencem. Como demonstrado neste estudo, o PB possui mais de um padrão. O padrão mais usual é, segundo Talmy, o LFV, mas os padrões LFF e LFS também se manifestam no PB. Já o padrão híbrido é a junção dos padrões LFV e LFS numa única expressão do EM. Esse caráter híbrido abre caminho para um estudo diacrônico do PB que, certamente, revelará que a língua teve o padrão LFS como mais prototípico. Argumentamos que o PB pode estar num processo de reconfiguração de seu padrão de lexicalização e que os estudos tipológicos mostram que as línguas podem mudar de padrão, uma vez que resquícios de tipologias distintas se apresentam sincronicamente.

Referências

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008. 584 p.
- BEAVERS, Joh; LEVIN, Beth; THAN, Shiao Wei. The typology of motion expressions revisited. *Journal of Linguistics*, v. 46, n. 2, p. 331-377, jan. 2010. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=7802269>>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005. 672 p.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 4.ed. rev. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1969. 357 p.
- CROFT, Willian et al. Revising Talmy's typological classification of complex events. In: BOAS, Hans. *Contrastive construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2010, p. 201-235.

- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 800 p.
- GRUBER, Jeffrey Steven. *Studies in lexical relations*. PhD dissertation, MIT, 1965. Disponível em: <<http://www.ai.mit.edu/projects/dm/theses/gruber65.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2016.
- KEWITZ, Verena. *A noção de deslocamento no Português Paulista: uma abordagem cognitiva*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, n.6, 2009, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Ideia, 2009. v.1. p. 2297-3006. Disponível em: <<http://abralin.org/site/publicacao-emanais/abralin-joao-pessoa-2009/>>. Acesso em: 20 de jan. 2015.
- KOPECKA, Anetta. From a satellite- to a verb-framed pattern: a typological shift in French. In: CUYCKENS, H.; DE MULDER, W.; MORTELMANS, T. (Eds.). *Variation and change in adpositions of movement*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, p. 1-22.
- LEVIN, Beth. *English verb classes and alternation: a preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993. 348 p.
- LEVIN, Beth e RAPPAPORT HOVAV, Malka. Lexicalization Patterns, in R. Truswell, ed., *Oxford Handbook of Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2015, p. 1-38. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~bclevin/pubs.html>>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- MCCAWLEY, James David. 1968. Lexical insertion in a transformational grammar without Deep Structure. In *Papers from the fourth regional meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: University of Chicago Press, 1968, p. 71-80. Disponível em: <<http://philpapers.org/rec/MCCTRO-18>>. Acesso em: 25 fev. 2016.
- MATSUMOTO, Yo. Typologies of Lexicalization Patterns and Event Integration: Clarifications and Reformulations. In A Festschrift for Masaru Kajita. S. Chiba et al. (Eds.) *Empirical and Theoretical Investigations into Language*. Tokio: Kaiakusha, 2003. p. 403-418. Disponível em: <<http://www.lit.kobeu.ac.jp/~yomatsum/papers/typologies2.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2015.
- PITTMAN, Richard Saunders. Nuclear Structures in linguistics. *Language*, v.24, n. 3, p. 287-292, 1948. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/410363?uid=3737664&uid=2129&uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102470931641>>. Acesso em: 15 mai. 2013.
- ROMANELLI, Rubens Costa. *Os prefixos latinos: da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1964. 135 p.
- SANTOS FILHO, Dorival Gonçalves. *Padrão Tipológico do Português: Um estudo dos vestígios de satélites na expressão do Movimento e do Trajeto*. 2013. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- SLOBIN, Dan. The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events. In: Sven Strömquist; Ludo Verhoeven (Eds.), *Relating Events in Narrative: Typological and Contextual Perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 2004, p. 219-257.
- SLOBIN, Dan. What makes Manner of motion salient? Explorations in linguistic typology, discourse and cognition. In: M. Hickmann y S. Robert (Eds.). *Space in Languages: Linguistic Systems and Cognitive Categories*. Amsterdam / New York: John Benjamins, 2006, p. 59-82.
- TALMY, Leonard. *Semantic Structures in English and Atsugewi*. Ph.D. Dissertation, University of California, Berkeley, 1972. Disponível em: <<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/Dissertation/toc.html>>. Acesso em: 15 dez. 2014.
- TALMY, Leonard. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In: Timothy Shopen (Ed.). *Language Typology and Syntactic Description*, v.3, Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press. 1985, p. 57-149.
- TALMY, Leonard. *Path to realization*. Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley Linguistics Society, University of California, Berkeley. 1991, p. 480-519.
- TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press. 2000b. 495 p.
- TALMY, Leonard. *Main verb properties (substantially revised over original version)*, 2008. Disponível em: <<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/Recent/mainverb.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2015.
- TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O Hobbit*. Tradução: Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. (Revisão técnica e coordenação de traduções de Ronald Kymse). São Paulo: Martins Fontes, 1995. 328 p.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *The Hobbit*. 1937. London: HarperCollins Publishers, 2006. 320 p.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *Hobbitvs Ille*. Translated into latin by Mark Walker. London: HarperCollins, 2012. 424 p.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O senhor dos anéis*: trilogia. 1.ed. 5. Tiragem. São Paulo: Martins Fontes. 2001. 1354 p.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

SANTOS FILHO, Dorival Gonçalves; MOURA, Heronides Maurílio de Melo. Padrões de lexicalização no português brasileiro. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 71, set. 2016. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7099>>. Acesso em: _____. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v41i71.7099>.